

ENQUADRES DE APRESENTAÇÃO DO EU EM SALA DE AULA BI/MULTILÍNGUE¹ COM SURDOS E OUVINTES

The Presentation of Self: Frame Analysis of Deaf & Hearing People in Bi/Multilingual Classroom

Luiz Carlos Barros de FREITAS (UFRJ)²

RESUMO: Esta pesquisa busca articular conceitos da Sociolinguística Interacional, da Análise da Conversa em contexto institucional e de Línguas em Contato na interação, na ordem micro e macro, na relação com os Estudos Surdos. A metodologia é qualitativa e interpretativa. A gravação de dados foi feita mediante método etnográfico de investigação. O estudo se ocupa em investigar como são realizadas interações entre alunos surdos e ouvintes e professor ouvinte em um curso de Graduação de Letras-Libras, em que se faz uso da Libras³, do Português e de outras formas de linguagem, incluindo a alternância e sobreposição modal de códigos.

PALAVRAS-CHAVE: Enquadres; Interação em sala de aula bilíngue; Línguas em contato; Estudos Surdos

ABSTRACT: The study seeks to articulate concepts of Interaction Sociolinguistics, Conversation Analysis in an institutional context, and Languages in Contact in interaction, on the micro and macro levels, as they pertain to Deaf Studies. The methodology of the research is qualitative and interpretative, with data recording employing an ethnographic research method. The study is concerned about investigating how interactions between deaf and hearing students and hearing teacher are carried out in an undergraduate course where Libras, Portuguese and other forms of language are used, including code-switching and code-blending.

KEYWORDS: Frames; Bilingual classroom interaction; In touch languages; Deaf studies.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa justifica no fato de que no Brasil há, atualmente, um enorme contingente de surdos jovens e adultos que conseguem ingressar no ensino superior. Estes alunos encontram sérias dificuldades na interação em sala de aula, como resultado de práticas educacionais que desconsideram as especificidades dos surdos como sujeitos que vivenciam, em Libras, uma experiência visual de vida diferenciada (SKLIAR,

¹ O termo bi/multilíngue se refere ao caráter legal de bilinguismo (Libras sinalizada e Português escrito) do contexto acadêmico com aluno(s) surdo(s), e à efetiva produção linguística multilíngue dos interagentes, considerando o uso de diferentes variações da Libras, do Português e outras formas de linguagem.

² Doutor em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio. Email: luiz991746620@letras.ufrj.br

³ Libras Língua Brasileira de Sinais, legalizada em 2002 pela Lei Federal 10.436/2002

[1998] 2005), como sujeitos integrantes de minorias linguísticas (FREITAS, 2009; 2013; PERLIN, 2005). Além disso, percebe-se uma lacuna nas pesquisas na área da Sociolinguística Interacional envolvendo alunos surdos e ouvintes em contexto acadêmico, incluindo os estudos sobre negociação e construção de enquadres interacionais.

As noções de ordem macro, tratadas a seguir, remetem ao resgate histórico da formação das comunidades surdas, contribuindo para a construção de um imaginário coletivo que atua na ordem micro e trazem questões que subjazem às interações face a face entre surdos e ouvintes em sala de aula, especialmente no que diz respeito à adoção ou não da Libras como língua de instrução⁴, já que apenas atualmente esta seja uma questão considerada. Até há poucas décadas atrás, os alunos surdos de qualquer nível de escolaridade tinham que se esforçar para fazer leitura labial e copiar o máximo possível o conteúdo dado em aula, pois as possibilidades do professor ministrar uma aula em Libras era praticamente nula em um contexto de representações dos ouvintes “a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte”, segundo Skliar ([1998] 2005, p. 15). Como o autor destaca, práticas educacionais permitem “desnudar os efeitos devastadores do fracasso escolar” em “uma ideologia clínica dominante na educação dos surdos” (Op. Cit., p. 7).

As duas línguas atualmente legalizadas no país, o Português oficial e a Libras legalizada (Freitas, 2013), se localizam em espaços de tensão não só no âmbito legal, mas também no imaginário educacional, pois se, por um lado, fatores sociais e históricos seculares imprimiram prestígio e respeitabilidade à língua portuguesa, por outro lado, a Libras ainda é uma língua sem prestígio, inserida no discurso da deficiência e que tem pouco mais de quarenta anos de reconhecimento científico quanto ao seu estatuto linguístico, a partir dos estudos de W. Stokoe na década de 1960 (Freitas, 2013; Sá, 2011; Skliar, [1998] 2005; Thoma e Lopes, 2005, 2006; Fernandes, 2011; Leite, 2008).

A vida em surdez parece encontrar uma forte centralidade na questão do uso da língua, com uma peculiaridade bastante relevante, que é o fenômeno interacional das línguas em contato.

No Brasil, a língua de sinais sempre esteve no cerne de discussões com foco nas disputas de poder entre ouvintes e surdos, dada a hegemonia da língua portuguesa, que é

⁴ Língua de interlocução entre professores e alunos, utilizada no processo educativo.

a língua de maior prestígio secularmente construído no imaginário das sociedades brasileiras, enquanto a língua de sinais sequer era considerada língua até há pouco tempo, como visto anteriormente.

A formação dos Estados Modernos e das culturas nacionais a partir do séc. XIX contribuiu para criar padrões de alfabetização universais. No nosso caso, generalizou-se uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação na nação como um todo, tendo-se em vista que se buscou a criação de uma cultura homogênea e se manteve a ideia de instituições culturais nacionais. Esse processo, que aconteceu de forma mais ou menos acentuada em praticamente todos os países do mundo, vem sendo discutido a partir das transformações sociais no ocidente, especialmente da segunda metade do século XX em diante.

O Brasil é uma nação multilíngue em decorrência de ter sido, historicamente, um espaço de fortes movimentos sociais do ponto de vista de migrações e invasões de todo tipo. Apesar disto, o Estado Brasileiro sempre resistiu em aceitar a ideia do plurilinguismo, e a língua portuguesa se consolidou no patamar de única língua oficial e de maior prestígio. Essa consolidação do Português não só como língua oficial, mas como única língua culturalmente reconhecida como tal, vem ocorrendo desde o século XVIII, com as medidas adotadas pela política linguística do Marquês de Pombal a pedido do rei de Portugal, a partir da necessidade de consolidação e preservação do poderio colonial como "uma questão fundamental para Portugal, no sentido da preservação da colônia", como afirma Trouche (2017, p. 1).

Portanto há séculos que essa situação de luta pela hegemonia de poder da língua portuguesa no Brasil vem se desenvolvendo, e apenas recentemente os governos vêm cedendo às pressões dos movimentos sociais, adotando medidas que possibilitem que as demais línguas em uso pela população brasileira sejam devidamente respeitadas, ainda que o Português mantenha a sua hegemonia.

No caso da língua de sinais brasileira, esse processo foi muito incrementado com a sua legalização e processo de regulamentação. É comum ouvir que a Libras foi oficializada no Brasil, mas nesta pesquisa, como anteriormente dito, é entendido que a sua regularização não é uma oficialização, mas sim um processo de legalização e de solidificação da ideia de que a língua de sinais brasileira é uma língua e que deve ser a primeira língua dos surdos, com todas as imbricações sócio culturais, políticas e educacionais que daí advém.

Se juntarmos o imaginário brasileiro decorrente das relações de poder constituintes da prática da língua portuguesa em contraponto com o que permeiam as relações de poder nas demais línguas do Brasil, inclusive a Libras, veremos que o resultado não poderia ser outro senão o que está explícito na Lei nº10.436, a Lei de Libras, em seu Parágrafo único: “A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”. Essa determinação legitima a hegemonia do Português e, de certa forma, hierarquiza o Português em um patamar superior em relação à Libras, já que grande parte do registro do conhecimento humano é feito pela escrita, os processos de ensino e aprendizagem são baseados na leitura e escrita, enfim, a escrita é um dos pilares do saber humano que se dá também pela marginalização das culturas orais e pela noção de letramento autônomo generalizado que torna somente a escrita como tecnologia para construção do conhecimento.

Pode parecer, à primeira vista, que o parágrafo da Lei de Libras citado acima seja pertinente, correto e muito bem intencionado, já que de fato os surdos vivem em um ambiente cultural híbrido e a situação ideal para a sua inclusão no cotidiano majoritariamente ouvinte e utente da língua portuguesa é que este sujeito seja bilíngue. Além disso, a modalidade escrita da Libras não está plenamente desenvolvida e amplamente aceita e socializada pelas comunidades surdas em função das restrições ao uso do Sign Writing⁵, ELIS⁶ e de outras propostas de escrita da Libras. No entanto, o que parece ser apenas um parágrafo da Lei, pode ser interpretado também como a ratificação de práticas discursivas reguladoras e de estratificação dos sujeitos utentes do Português *versus* os utentes da Libras, que não permitem um uso social desta que não seja legitimado ou acompanhe àquela.

A herança da ideia de superioridade da língua oral, mesmo que em menor escala, continua acompanhando a história das pessoas surdas e, ainda, é a mesma que levou o Congresso de Milão de 1880 a determinar a proibição das línguas de sinais no século XIX na educação de surdos em todo o mundo.

Sabe-se que em História, um século e meio de correlação de forças e acontecimentos pode ser algo significativo, mas também é verdade que este mesmo

⁵ Sign Writing - Segundo STUMPF (2004) é “um sistema para representar línguas de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações”.

⁶ ELIS - Sigla para "Escrita das Línguas de Sinais", sistema de escrita criado por Mariângela Estelita Barros em 1998 no Brasil. Apresenta estrutura de base alfabética, linear e organizada a partir dos parâmetros dos sinais propostos por Stokoe.

período normalmente é pouco para moldar o imaginário dos povos em direção a novas ideias e diferentes formas de encarar a vida e a ordem social, especialmente se estas novas ideias se referem à diversidade humana, que de fato nunca foi uma matéria de fácil compreensão para todos nós seres humanos.

Assim, a condição de inferioridade dos surdos e das línguas de sinais foi forjada e legitimada no século XIX no Congresso de Milão e parece que estes valores seguem até hoje bastante fortes no Brasil, e até mesmo quando uma Lei Federal é promulgada com o objetivo de ratificar a forma de comunicação dos surdos, é posta de forma clara e sem chance de discussão a hegemonia da língua "nacional" brasileira, o Português. Esse embate secular é outro aspecto subjetivo que subjaz às interações face-a-face entre surdos e ouvintes em macro e micro contextos, espaços discursivos onde se situa o fenômeno de línguas em contato no Brasil em relação aos surdos.

ARCABOUÇO TEÓRICO E METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este estudo segue os pressupostos teóricos da Sócio Linguística Interacional (GOFFMAN, [1963] 2008; [1959] 2018; [1967] 2011; [1974] 2012; GUMPERZ apud Pereira, 2002), e efetiva a sua análise de dados metodologicamente orientado pela Análise da Conversa Etnometodológica (GAGO, 2002; GARCEZ, 2006; 2008; 2012; 2014; LODER, 2008, 2009). Todo esse arcabouço dialoga com os pressupostos dos Estudos Surdos (FERNANDES, 2011; PERLIN, 2003; QUADROS, 2006, 2007a, 2007b; REZENDE, 2012; STUMPF, 2004; THOMA, 2005, 2006).

Na década de 1970 foi introduzido o conceito de enquadre (*frame*, na língua inglesa) nas ciências sociais. A natureza da comunicação humana sob a perspectiva da Psicologia e da Psiquiatria foi discutida por Bateson ([1972] 2013) que cunhou o termo "enquadre" vinculando-o à compreensão do tipo de encontro entre as pessoas através dos enunciados do discurso e suas meta mensagens que delimitam ou representam estes tipos e, a partir daí, o que se espera que seja feito ou dito.

O autor partiu de um ponto de vista psicológico e matemático quando usou a metáfora do enquadre [*frame*], que eventualmente foi traduzido como "quadro". Pela perspectiva da psicologia, Bateson relacionou o conteúdo da tela de um quadro, delimitada pela moldura da mesma forma como em um encontro entre pessoas há limites que devem ser observados no sentido de ordenar e organizar esse encontro através das suas falas.

Sob a perspectiva matemática, a noção de conjunto serviu a Bateson ([1972] 2013) no sentido de que os elementos ali agrupados partilham semelhanças ou objetivos ou premissas. Para o autor, "o próprio enquadre se torna, então, parte do sistema de premissas" e constrói e é construído pelas mensagens nele contidas.

Goffman ([1974] 2012), teórico da sociologia, se apropriou dessa noção de enquadre e a desenvolveu no sentido da compreensão da dimensão relacional dos significados que emergem nas interações sociais e que são constituídos por estas e, ao mesmo tempo, as constitui em um moto contínuo auto e retroalimentador; é um processo micro político e fechado, "enquadrado", embora não perene, onde as atividades verbais não participam sozinhas sobre o que acontece nas interações em um encontro social, mas também as não verbais são constitutivas na construção de significados.

Goffman ([1974] 2012) afirma que o estudo de enquadres não se refere à análise das estruturas da vida social das quais se ocupa a Sociologia, e sim das estruturas da experiência de indivíduos na situação de interação social, ou seja, a experiência social de estar em e constituir um enquadre lida diretamente com a capacidade de negociar e perceber as diferenças de visões contidas no encontro social a partir dos diferentes papéis dos atores envolvidos. Segundo Goffman ([1974] 2012, p.32):

Faremos um amplo uso do termo "quadro"⁷ no sentido que lhe dá Bateson. Pressuponho que as definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos - pelo menos os sociais - e nosso envolvimento subjetivo neles; quadro é a palavra que uso para me referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar. Esta é a minha definição de quadro. Minha expressão "análise de quadros" é um slogan para referir-me ao exame, nesses termos, da organização da experiência.

No encontro social os interagentes estabelecem a ideia de figura e fundo como elementos constitutivos do enquadre da interação. A figura é a pessoa envolvida, e fundo é o ambiente situado de forma local e temporal e o enquadre é construído a partir de como os interagentes se percebem na interação. Parafraseando Tannen (2013, p. 188), "é através dos enquadres que um interagente sabe se uma elocução ou mesmo um tapa se trata de uma brincadeira ou agressão". Estabelecido o enquadre, passam a existir formas de comportamento que são esperadas para a sua manutenção, e que fazem parte dos aspectos interacionais e cognitivos que subjazem à construção do discurso em encontros face a face. Essas expectativas operam a partir de outro tipo de estrutura, os

⁷ O termo "quadro" foi usado nesta tradução, a despeito de ser largamente utilizado pela área de estudos sociointeracionais como "enquadre".

esquemas de conhecimento, que se referem ao que as pessoas esperam do(s) seu(s) interagente(s) sobre posturas, atitudes e falas que, segundo Tannen (2013, p. 190), acontecem "através do preenchimento de informações não proferidas, decorrente do conhecimento de experiências anteriores no mundo".

Voltando aos enquadres, estes são estruturas não permanentes, que todos os interagentes podem participar na sua composição. Estas estruturas se estabelecem rígidas, mas não inquebráveis, no desenrolar do processo de comunicação e, segundo Gumperz (*apud* PEREIRA; 2002, p.12), há uma troca de mensagens específicas que estabelecem o enquadre na sua criação ou modificação através de pistas de contextualização no curso da interação, onde "o falante sinaliza e o ouvinte interpreta qual é a atividade em que estão operando". Estas pistas de contextualização podem ser de natureza linguística ou não linguística, e auxiliam os interagentes a interpretar o que está acontecendo no momento situado da interação. Contextualizam a interação e criam, ratificam ou modificam o enquadre pertinente.

Na modificação do enquadre acontece o *footing*, conceito que se refere, conforme BIAR (2009, p. 125), "ao alinhamento, à postura, posição e à projeção do "eu" na relação com o outro, consigo e com o discurso", em uma situação em que um ou mais interagentes interpretam que houve ou deve haver mudanças nas ações envolvidas na interação, de sua parte ou de outros, e passam a ativar esquemas de conhecimentos aplicados aos atos comunicativos visando novos posicionamentos, posturas ou projeção pessoal a fim de reformular o enquadre. Isto se dá através da fala em si e também por mudança prosódica, mudança e/ou alternância de código, expressões faciais e corporais, entre outros marcadores verbais ou não verbais, linguísticos ou não, que trazem consigo a informação de como o que está acontecendo deve ser entendido.

O tema, o objeto, o *locus* de geração de dados da pesquisa, a trajetória multidisciplinar como pesquisador e os resultados encontrados nas pesquisas anteriores fortemente atrelados a questões relacionadas à interação com línguas em contato e à educação de surdos servem como elementos importantes para que seja assumido o posicionamento teórico da Análise da Conversa Etnometodológica em articulação com a Sociolinguística Interacional.

A partir daí, e tendo como base as interações em sala de aula ancoradas no uso da Libras, do Português e de outras formas de linguagem através de empréstimos, alternância e sobreposição modal de código, a pesquisa agrega conceitos das teorias

Sócio Construcionistas do discurso e do fenômeno das línguas em contato, focando a investigação nos processos interacionais de como professor e alunos, surdos e ouvintes, enquadram o espaço de sala de aula na ordem da interação, e como se constroem identitariamente do ponto de vista individual e em grupos, através do uso da Libras, do Português e outras formas de linguagem.

METODOLOGIA DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Este trabalho se insere nos pressupostos metodológicos da pesquisa qualitativa e interpretativa de caráter etnográfico para a análise de como professor e alunos, surdos e ouvintes, enquadram o espaço de sala de aula na ordem da interação, e como se constroem individualmente e em grupos, através de Libras e Português em uso na fala em interação, que se revela mediada pelo uso da linguagem em micro contexto de sala de aula bilíngue de macro contexto acadêmico, com geração, organização e análise de dados segundo a tradição de pesquisa da Sociolinguística Interacional em articulação com a Análise da Conversa Etnometodológica.

A transcrição do *corpus* foi feita segundo os métodos em estreita relação com a área da pesquisa de Estudos da Linguagem e a análise e interpretação de dados no texto da qualificação e da tese escrita são feitos em língua portuguesa. Foram utilizadas as convenções de acordo com uma nova proposta, que é baseada em partes de três outras anteriores: a) Sistema de Transcrição para a Libras (Felipe e Monteiro, 2001); b) Modelo Jefferson de Convenções de Transcrição para línguas orais (Gago, 2002; Loder e Jung, 2008); c) modelo proposto por Starosky (2011) com TRADUÇÃO LIVRE em Português; d) modelo proposto na pesquisa, conforme tabela a seguir:

SÍMBOLOS	ESPECIFICAÇÕES
.	Entonação descendente
?	Entonação ascendente
:	Prolongamento de som (ou de movimento*)
-	Corte abrupto na produção vocal (ou de sinais*)
<u>FALA</u>	Ênfase em som (ou de movimento*)
>FALA<	Fala acelerada
<FALA>	Fala desacelerada

SÍMBOLOS	ESPECIFICAÇÕES
[FALA]	Fala sobreposta (mais de um interlocutor)
hh	Expiração ou riso
(2.4)	Medida de silêncio (em segundos e décimos de segundos)
()	Segmento de fala que não pode ser transcrito
(FALA)	Transcrição duvidosa
((olha o teto))	Descrição de atividade não-vocal ⁸
PALAVRA	Fala em Libras (sinal) em maiúsculas
palavra	Fala em Português (oral) em minúsculas
CORTAR-COM-FACA	Sinal traduzido por duas ou mais palavras, estas separadas por hífen
CAVALO^LISTRA	Palavras separadas por acento circunflexo para um sinal composto traduzido por uma palavra em português. P. ex. zebra
P-A-L-A-V-R-A	Datilologia, letras separadas por hífen
DEL@	Desinência de gênero por arroba (@)
FALA++	Repetição de fala ou sinal por desinência de plural, comparação ou ênfase. Palavra seguida de sinais de mais relativos às repetições
00:00:00	*Contagem de tempo no vídeo
FALA-sAldo	*Apontação indicial (pronome demonstr. ou verbo com concordância + referente)
[[FALA]]	*Sobreposição modal de línguas por falante único
sNome	*Identificação de falante surdo
oNome	*Identificação de falante ouvinte

Tabela 1: Convenções de transcrição

A partir do direcionamento do olhar e da apontação manual na produção linguística em Libras, alguns pronomes possessivos e demonstrativos, e também artigos pessoais, foram transcritos nos dados da pesquisa adicionando-se o referente obtido por esse direcionamento, por exemplo: EL@-sWill que significa que o falante (em sinais) apontou para o participante surdo de nome Will.

Na Interação gravada, os participantes são etnograficamente identificados como

⁸ Atividades não vocais: produções não verbais como olhares, gestos e mímica não linguísticos. Essas categorias de produção de sentidos foram consideradas como um grupo único, porque sua descrição não faz parte dos objetivos do trabalho.

quatro alunos cursando o quarto período, sendo três em Bacharelado e um em Licenciatura. São duas ouvintes, um surdo, uma surda e o professor ouvinte, todos bilíngues (Libras e Português), que foram identificados como oAlda, oElen, sWill, sLia e oLuiz. Essa Interação tem tempo total de gravação de 01h 09m 45s em sala de aula, motivada pela solicitação do professor para falarem, em grupos, sobre o ingresso de cada um no Curso onde estudam. Houve um momento de pré-jogo onde os participantes se organizaram e geriram as suas participações na interação até que as narrativas iniciassem.

RESULTADO E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise de dados, como demonstrarei, é de cunho sócio interacional, a partir de uma articulação da Sociolinguística Interacional com a Análise da Conversa Etnometodológica, mediante seus conceitos e categorias analíticas, na ordem micro do que acontece em sala de aula, acionando a ordem macro social de vivências e ou de experiências de vida dos participantes, em relação ao uso de Libras e do Português.

Neste capítulo, discutirei o jogo de enquadres negociados pelos alunos, na apresentação do eu em brincadeiras ou no ritual de entrada no Letras-Libras, como nas construções identitárias tanto de ordem pessoal quanto profissional. Em todos está presente o uso da Libras e do Português com alguma mistura de códigos e sem conflitos por isso.

Os três excertos a seguir são compostos pelas linhas 015 até 103 da interação, e foram analisados em suas produções linguísticas dos quatro alunos. Veremos, a seguir, o primeiro excerto e a sua análise:

		LINGUAGEM EM USO	TRADUÇÃO LIVRE
15	Alda	((acena p sWill)) [[CORTAR-CABELO ÓTIMO]]	Chama sWill. Você cortou o cabelo, ficou ótimo!
16		[[CORTAR-CABELO ÓTIMO]] [VOCÊ PARECER]	Muito bom mesmo! Parece que ficou
17	Elen	[(afirmação)]	Ficou mesmo.
18	Alda	[mais[[JOVEM]]](2)[[ÓTIMO]]	mais jovem, ficou ótimo!
19	Elen	[(afirmação)]((olha p sLia))	Também achei
20	Lia	((afirmação))	Sim
21	Will	[[ANTES CORTAR POUCO]](2) agora [[CORTAR MAIS]	Antes eu cortava pouco, agora resolvi cortar mais.

22	Elen	[[afirmação]]	Sim
23	Lia	[[afirmação]]	Sim
24	Elen	[[afirmação]] PERCEBER(CABELO)(2)(afirmação)	Sim, eu percebi a mudança.
25	Alda	[[afirmação]]	Sim
26	Will	é CABELO ANTES	Sim, antes o meu cabelo estava comprido
27		CABELO É (4) PORQUE CABELO[[CRESCER]]	agora está curto. Meu cabelo cresce
28		[[PARECER DOIS-MÊS-DOIS MAIS OU MENOS]]	mais ou menos a cada dois meses.

Após serem assentados em grupo pelo professor, este se afastou para tomar providências em outros grupos de alunos e não deu nenhuma orientação sobre o que deveriam ou poderiam fazer. Em algumas interações sociais a falta de comunicação por parte de quem ocupa um papel com funções de liderança na estrutura de participação pode fazer com que a equipe se dissipe, ou se desestruture, ou ainda se reorganize e tome decisões por si, que foi o que ocorreu. Nesta interação, enquanto esperavam, os interagentes ativaram um enquadre de bate papo informal, falando de amenidades de periodicidade de corte ou lavagem de cabelo. Nesta fase da interação o enquadre de bate papo funcionou como um pré-jogo, com a apresentação do eu tratando de temas triviais, e os ajudou a se definirem como uma equipe, ideia fundamental na formação de grupo interacional (GOFFMAN, [1959] 2018) que possibilitaria a formação posterior de novos quadros com falas institucionais.

O enquadre de bate papo foi proposto na linha 015, quando o Alda se dirige a sWill perguntando sobre o seu corte de cabelo. Na cultura surda é notória a diferença de tratamento de dados pessoais do outro em relação à forma como os ouvintes fazem isso interacionalmente. Para os ouvintes, determinadas características pessoais de personalidade, humor, aspecto físico ou condição sócio cultural devem ser observadas antes de serem usadas, a fim de se evitar desentendimentos. Por exemplo, se uma pessoa engordou ou emagreceu demais desde o último encontro, isso não deve ser notificado, ou, se for, deve ser feito de maneira modalizada para que não se firmem suscetibilidades em relação à aparência física que, na contemporaneidade, vem sendo um aspecto da vida cada vez mais relevante.

Na cultura surda isso pode ser tratado de forma diferente e, dependendo do maior ou menor grau de capacidade do surdo transitar entre os valores culturais surdos e

ouvintes, esse tipo de observação sobre a mudança de estado do outro pode ser falada de maneira direta, algo como "Você engordou muito!" e isto pode não ser interpretado como uma ação invasiva e impolida. Não são conhecidos estudos sobre isto, mas de forma empírica pode-se afirmar que, entre grupos de surdos, essa situação de fala pode ser interpretada como "Eu gosto de você, por isso reparei que desde a última vez que nos encontramos você está diferente". É uma forma de (re)significar a mesma fala completamente diferente.

Na Interação 1 não houve uma situação limite como o exemplo dado, mas o aspecto físico de corte do cabelo de sWill pode ter seguido os trâmites de valoração da cultura surda por sWill, pois ele construiu o seu turno orientado a isto em 021 e deu continuidade ao que virou assunto a partir da iniciativa de oAlda de fazer observações sobre ele como forma de "quebrar o gelo", através da observância da mudança de estado físico do colega surdo, e iniciarem uma interação sob o enquadre de bate papo. A aceitação desse enquadre aconteceu na medida em que oElen, nas linhas 017 e 019, e sLia na linha 020, constroem seus turnos com relação sequencial de avaliação quando ratificam o elogio de boa aparência do cabelo feito por oAlda em 016 e 018. A aluna oAlda percebeu o corte de cabelo de sWill como um dado de expressividade individual emitida pela aparência física dele, que ratificou verbalmente nas linhas 021, 026, 027 e 028 com uma sequência de turnos constitutivos de uma pequena descrição das características do seu cabelo e a mudança de estado - de longo para curto.

Essas falas aparentemente sem importância do ponto de vista social parecem ter servido como *footing* para que os alunos se construíssem como uma equipe, mudando de estado, já que foram aleatoriamente posicionados pelo professor ou seja, na concepção de Goffman ([1959] 2018, p. 118), uma equipe é "um conjunto de indivíduos cuja íntima cooperação é necessária para ser mantida uma determinada definição projetada da situação". A situação, no caso, era de preparação para o cumprimento do mandato institucional, que era o estudo a ser conduzido pelas regras que ainda seriam dadas pelo professor.

A consolidação dos alunos como uma equipe neste enquadre de bate papo faz parte de um esquema de conhecimentos generalizado que os fez se manterem aglutinados em situação de espera enquanto o novo enquadre não era definido. Portanto, o fato do professor não ter determinado, no início, o que seria feito em seguida não desestabilizou os alunos, que se orientaram em um *footing* de aglutinação de equipe,

formaram um conjunto cooperativo e seguiram aguardando as orientações do que seria feito alinhados em um enquadre de bate papo com a estrutura de participação onde sWill era pessoalmente o centro das atenções e comentários, o tópico era cabelo e, paradoxalmente, com estas premissas nada acadêmicas, mantiveram o contexto sala de aula acadêmica por intermédio de um enquadre de bate papo, até que o novo enquadre mais institucional fosse proposto pelo professor e estabelecido com o início da primeira narrativa de entrada no Letras-Libras, feita por sLia.

A seguir, veremos o segundo excerto e a sua análise, das linhas 068 a 089:

		LINGUAGEM EM USO	TRADUÇÃO LIVRE
68	Luiz	OI CADA UM VOCÊS COMO ENTRAR AQUI COMO?	Oi, como vocês entraram aqui na faculdade?
69	Alda	COMO?	Como?
70	Lia	[[COMO EU AQUI FACULDADE?]]	Como eu entrei na faculdade?
71	Luiz	SIM ()	Sim
72	Lia	Ah tá. [[[FOCO LETRAS-LIBRAS? POR EXEMPLO, EL@]]]	Ah! Tá. No Letras-Libras? Por exemplo, ele
73	Elen	[AMBIENTE VIRTUAL]	Ambiente virtual
74	Will	[[[VESTIBULAR]]]	
75	Lia	[[TER EXPERIÊNCIA ENGENHARIA NATUREZA]]	tem experiência em engenharia ambiental
76	Luiz	() QUALQUER	Tanto faz
77	Lia	ÁREAS [[DIFERENTES]]	São áreas diferentes...
78	Luiz	()	
79	Elen	[[HISTÓRIA COMO ENTRAR]]	Sim, a história de como entrou
80	Luiz	É^ASSIM	Isso
81	Alda	DOIS SÓ DOIS. ENTRAR SIMPLES OU PORQUE SÓ?	Somente como entrou e porque? Só?
82	Luiz	()	
83	Alda	[[((afirmação))]]	Sim
84	Elen	[[((afirmação))]]	Sim
85	Will	[[((afirmação))]]	Sim
86	Lia	[[((afirmação))]]	Sim
87	Elen	Tá bom obrigada	Tá bom, obrigada

		LINGUAGEM EM USO	TRADUÇÃO LIVRE
88	Will	[[OBRIGADO]]	Obrigado
89	Elen	COMEÇAR-sLIA?	Vamos começar?

O novo enquadre foi proposto pelo professor oLuiz em 068 de forma direta no *footing* de organizador, por meio de uma pergunta sobre como cada um deles entrou no Letras-Libras. Na sequência, os turnos em forma de pares adjacentes complementares de oAlda na linha 069 e sLia em 070 repetem partes da pergunta usada pelo professor também em tom de pergunta, evidenciando terem entendido a proposta e em *footing* prontidão para ingressarem no novo enquadre de apresentação de si proposto pelo professor, que em seu turno em 071 completa o par adjacente pergunta-resposta. Com isso, abandonaram o enquadre de bate papo e se realinharam como um grupo de estudos ainda ratificado quando sLia produziu uma inferência a partir da linha 072 com a exclamação e afirmação "Ah! Tá." se valendo de uma mudança de código para a língua portuguesa, que é a língua materna do professor, seguida de sobreposição modal como pista de contextualização de que a mensagem era para o grupo, para todos.

Os alunos oElen e sWill continuam produzindo pistas de contextualização através de falas, na conversa institucional com o professor sobre aspectos inerentes ao Letras-Libras, fazendo referências diretas aos ambientes virtuais das provas de ingresso e seguem coconstruindo o entendimento das regras da tarefa proposta. O processo se conclui nas linhas 083 a 088, quando os quatro integrantes do grupo fazem, ao mesmo tempo, a afirmação SIM por expressões faciais, seguidos da ratificação e agradecimento de oElen em português e sWill em sobreposição modal, ou seja, ambos em *footing* de colaboração valorizando o uso da língua materna do professor. Em 089 oElen alterna novamente para a Libras e, a partir daí, a tarefa dada estava compreendida e estabelecida como mandato institucional, e o novo enquadre de apresentação do eu estava ratificado.

A seguir, o terceiro excerto e a sua análise, das linhas 089 a 103.

		LINGUAGEM EM USO	TRADUÇÃO LIVRE
89	Elen	COMEÇAR-sLIA?	Vamos começar?
90	Alda	VOCÊ-sWILL	sWill
91	Lia	Por que eu?	Por que eu?

		LINGUAGEM EM USO	TRADUÇÃO LIVRE
92	Elen	VOTAÇÃO-sLIA DESCULPAR	sLia por votação, desculpe
93	Alda	OLHAR-ME (2) PRINCIPAL GRÁVIDA	Ei, olhem! A prioridade é de grávidas
94	Lia	EL@-oELEN	Então é a oElen
95	Elen	SORRISO ((negativa))	Engraçadinha
96	Will	COMBINAR EL@-oELEN	É a própria!
97	Alda	<BRINCADEIRA>hh	É brincadeira!
98	Alda	VOCÊ-sLIA	Então é você, sLia
99	Will	PRINCIPAL [[GRÁVIDA]] VOCÊ-oELEN	A prioridade é de grávida, então é você, oElen
00	Elen	FILA SÓ FILA(1) AQUI FILA NÃO (1) FILA OUTR@ NÃO	Prioridade é só pra fila, aqui não tem fila, e pra outras coisas não tem prioridade
01	Alda	ACEITAR-oELEN(1) FILA DIFERENTE ACEITAR PROBLEMA	oElen, aceite como um tipo diferente de fila e o problema se acaba. Bem, é você sLia.
02		ACABAR.(1)((olha para sLia)) VOCÊ-sLIA	
03	Lia	((muda a postura))(2)[[BOM:]](2)[[COMO EU ENTRAR]]	Bem, como eu entrei no

O professor não determinou nem deu pistas sobre o gênero discursivo a ser utilizado na tarefa, portanto poderiam fazer um debate ou uma conversa formal ou informal, mas houve o entendimento tácito entre os alunos que deveriam fazer narrativas pessoais provavelmente por conta de um esquema de conhecimentos que histórias de vida são normalmente contadas por meio de narrativas. Quando se deu a negociação para saber quem seria o primeiro a fazer a narrativa de apresentação do eu na entrada do Letras-Libras houve um novo enquadre de brincadeira aceito por todos.

As alunas oElen e oAlda vinham utilizando a Libras e subitamente sLia propõe uma mudança de código para o Português com a pergunta "Por que eu?" em um *footing* de brincalhona na linha 091. Essa mudança foi um sinal metadiscursivo usado como pista de contextualização de que havia implicitamente uma região de fundo (Goffman, [1959], 2018) na fala de sLia com fatos suprimidos, fatos esses que poderiam ser timidez ou simples falta de vontade de iniciar a narrativa. A aluna oElen pode ter percebido isso e propôs o enquadre brincadeira logo em seguida na linha 092, que durou até 103. Esse enquadre continua como pré-jogo, até para que a estrutura de participação de sLia como narradora e os demais como ouvintes pudesse ser estabelecida e o grupo

pudesse voltar ao enquadre de apresentação do eu.

A aluna oAlda adere ao enquadre brincadeira e se realinha em 093. Por esse *footing* pode-se perceber a sutileza da negociação de quem seria o iniciador das narrativas e que inauguraria a nova estrutura de participação. Na sociedade brasileira da contemporaneidade a condição de gravidez oferece prioridade às grávidas seja em serviços, assentos etc., que é um benefício social. Aqui, na situação de escolha de quem iniciaria as narrativas, a prioridade não seria, a rigor, um benefício, talvez ao contrário dependendo da vontade da pessoa, mas a gravidez foi usada nessa pseudo inversão de valores, quando oAlda se vale da gravidez de oElen para priorizá-la na tarefa de fazer a primeira narrativa; oElen mantém o enquadre brincadeira, mas em um *footing* de esclarecimento nega a condição de protagonista da nova estrutura de participação proposta, através do turno com a fala traduzida como "Engraçadinha" em 095. O sinal "SORRISO" normalmente é feito com a expressão facial positiva, afirmativa ou com um sorriso. Neste caso, o sinal foi associado a uma expressão com sentido oposto, ou seja, a produção de sentido era diferente da que teria sido com outra expressão e produziu o *footing* que remeteu oElen no posicionamento de quem não queria fazer a narrativa. Esse "jogo de empurra" permanece até 103 quando sLia assume o *footing* de narradora e inicia uma narrativa, em um novo enquadre de auto-apresentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ingresso a um curso de nível superior é, historicamente, um local de prestígio, proporciona um sentimento de conquista que é complementado pelas possibilidades de troca e interação que o ambiente bi/multilíngue, bicultural e multimodal das salas de aula do Letras-Libras proporcionam. É uma nova forma de ressignificação de si e produção de sentidos que essa investigação procura entender como os alunos interagem e se constroem nas falas em interação entre surdos e ouvintes bilíngues pelo fenômeno de línguas em contato em sala de aula de contexto acadêmico.

Um curso de graduação é um contexto com diversidade importante e apresenta dificuldades no cotidiano, sendo um desafio tanto para alunos quanto para os professores. No caso deste Curso essas questões ficam reforçadas pelo fato de ser um ambiente bi/multilíngue, bicultural e multimodal, onde as idiossincrasias afloram de inúmeras formas, especialmente aquelas que permeiam as relações sociais, como as questões linguísticas e sócio identitárias.

Nessa interação professor e alunos, surdos e ouvintes, enquadraram o espaço de sala de aula de formas diferentes na ordem da interação, e se construíram individualmente e em grupos, através de Libras e Português. O professor estabeleceu o enquadre apresentação do eu, mas não propôs regras, então os alunos estabeleceram um novo enquadre de bate papo.

Nesses enquadres não houve questões trazidas pelos alunos sobre as suas dificuldades de interação em Libras e Português. A Libras foi a língua de base nestas comunicações com misturas de códigos nos enquadres de apresentação do eu, que variaram em importância. Nas interações estudadas não foram observados efeitos do embate secular entre surdos e ouvintes sobre as negociações dos espaços discursivos onde se situa o fenômeno de línguas em contato no Brasil, e houve entendimento tácito de como interagir, e a Libras e o Português circularam sem desencadear crises interacionais. Ao olhar para a ordem da interação na sala de aula com alunos surdos e ouvintes em contexto acadêmico, foi possível refletir sobre como os participantes constroem esses espaços interacionais e os significados imbricados nestas relações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATESON, G. *Uma teoria sobre brincadeira e fantasia*. São Paulo, SP: Edições Loyola, [1972] 2013.

BIAR, L.A.; BASTOS, L.C. Quando entretenimento e política se encaixam: enquadres e estruturas de participação no talk show. *ReVEL*, vol. 7, n. 13, 2009. [www.revel.inf.br]

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 2005. http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/_AtB1004-2006/2005/Decreto/D5626.htm [capturado em 16 nov. 2007).

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/2002/L10436.htm [capturado em 16 nov. 2007).

CHANG, H. *Autoethnography as Method*. Raising Cultural Consciousness of Self and Others. St. Davids, PA, USA: Left Coast Press, 2007.

CONEP, Comissão Nacional de Ética na Pesquisa. *Sisnep. Manual de Operação. Módulo do Pesquisador*. Versão 1.02. Brasília – DF: 2006. http://portal2.saude.gov.br/sisnep/imagens/manuais/Manual_PESQUISADOR.pdf

[Capturado em 29 de junho de 2016]

ELLIS, C. ADAMS, T.E.; BOCHNER, A.P. Autoethnography: an overview. *FQS – Forum: Qualitative Social Research*, v.12, n. 1, Art. 10 – January 2011.

FELIPE, T.A. MONTEIRO, M.S. *Libras em contexto: curso básico*, livro do professor instrutor. Brasília, DF: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

FERNANDES, S. *Educação de surdos*. Curitiba PR: Ibpx, 2011.

FREITAS, L.C.B. *A Internet e a educação a distância dos surdos no Brasil: Uma experiência de integração em um meio excludente*. Rio de Janeiro RJ: Dissertação de mestrado, PUC-Rio, 2009.

_____. *A Hegemonia da Língua Portuguesa e a Legalização da Libras no Brasil*. Monografia de Pós-Graduação Lato sensu em Libras: Ensino, Tradução e Interpretação. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, 2013.

GAGO, P.C. Questões de transcrição em Análise da Conversa. *VEREDAS - Rev. Est. Ling Juiz de Fora*, v.6, n.2; p.89-113, jul./dez. 2002.

GARCEZ, P.M. A organização da fala-em-interação em sala de aula: controle social, reprodução de conhecimento, construção conjunta de conhecimento. *Revista Unisinos*: vol. 4, n.1; p. 66-80, jan/abr, 2006.

_____. Microethnography in the classroom. In: KING, K. A., HORNBERGER, N. H. (eds), *Encyclopedia of Language and Education*, 2nd Edition, Volume 10: Research Methods in Language and Education, 257–271. 2008 Springer Science+Business Media LLC

GARCEZ, Pedro M.; FRANK, I.; KANITZ, A. *Interação social e etnografia: sistematização do conceito de construção conjunta de conhecimento na fala-em-interação de sala de aula*. Unisinos, Vol. 10, n. 2; p. 211-224, mai/ago 2012.

GARCEZ, P.M. BULLA, G.S.; LODER, L.L. *Práticas de pesquisa micro etnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos*. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445078307364908145>.

GOFFMAN, E. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. *Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, [1963] 2008.

GOFFMAN, Erving. *A situação negligenciada*. In: RIBEIRO, Branca T. GARCEZ, Pedro M. (Orgs). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo, SP: Edições Loyola, [2002] 2013a.

_____. *Footing*. In: RIBEIRO, B. T. GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo, SP: Edições Loyola, [2002] 2013b.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, [1959] 2018.

_____. *Ritual de Interação - Ensaio sobre o comportamento face a face*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, [1967] 2011.

_____. *Os quadros da experiência social. Uma perspectiva de análise*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, [1974] 2012.

GUISAN, P. *Língua: A ambiguidade do concesso. Das ambiguidades, das suas dimensões e das novas perspectivas*. In: SANTANA Ana Paula. *A inclusão do surdo no ensino - superior no Brasil*. Journal of Research in Special Educational Needs. Volume 16, Number s1. 2016 85–88 doi: 10.1111/1471-3802.12128.

GUMPERZ, J. J. *Convenções de contextualização*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2002.

LODER, L.L.; JUNG, N. M. *Fala-em-interação social: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.

_____. *Análises de fala-em-interação institucional: a perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

MOITA LOPES, L.P.(Org). *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidades, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

PEREIRA, M.G.D. *Introdução*. In; PEREIRA, M. G. D. *Interação e Discurso: Estudos na perspectiva da Sociolinguística Interacional - Áreas de interface*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Trarepa, 2002.

PERLIN, G.T. *O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação e Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2003.

QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B.. *Língua de Sinais Brasileira – Estudos linguísticos*. Porto Alegre RS: Editora Artmed 2004.

QUADROS, R. (org.). *Estudos Surdos I*. Petrópolis RJ: Editora Arara Azul, 2006.

_____. *Estudos Surdos II*. Petrópolis RJ: Editora Arara Azul, 2007 (a).

_____. *Políticas Linguísticas e a Educação de Surdos no Brasil*. V Congresso Internacional e XI Seminário Nacional do INES, Rio de Janeiro. Anais do Congresso: Surdez, família, linguagem e educação. Rio de Janeiro: INES, v.1. p.94-102, 2007 (b).

REZENDE, Patrícia L. F. *Implante coclear: normalização e resistência surda*. Curitiba PR: CRV, 2012.

SILVERMAN, D. *Qualitative Research 3rd Edition*. Cornwall, Great Britain: TJ International: 2011.

SKLIAR, C. (Org.). *A Surdez: Um Olhar Sobre as Diferenças*. Porto Alegre RS Brasil: Editora Mediação, [1998] 2005.

SPIVAK, G.C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2010.

STAROSKY, P. *O role-playing game como proposta pedagógica de coconstrução de histórias no contexto da surdez.* Tese de Doutorado, PUC-Rio. Rio de Janeiro RJ: 2011.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda.* Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2008.

STUMPF, M.R. *Sistema sign writing: por uma escrita funcional para o surdo.* In: THOMA, A.S.; LOPES, M.C. *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação.* Santa Cruz do Sul, SC: EDUNISC, 2004.

TANNEN, D. ; WALLAT, C. *Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação.* In: RIBEIRO, Branca T. GARCEZ, Pedro M. (Orgs). *Sociolinguística Interacional.* São Paulo, SP: Edições Loyola, 2013.

THOMA, A.S. LOPES, M.C. (Org.). *A invenção da Surdez. Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação.* Santa Cruz do Sul RS: EDUNISC, 2005.

_____. *A invenção da surdez II: Espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos.* Santa Cruz do Sul, SC: EDUNISC, 2006.

TRAHAR, S. *Beyond the Story Itself: Narrative Inquiry and Autoethnography in Intercultural Research in Higher Education.* Forum: Qualitative Social Research. Volume 10, No. 1, Art. 30, January 2009.

TROUCHE, L.M.G. *O Marquês de Pombal e a implantação da língua portuguesa no Brasil. Reflexões sobre a proposta do diretório de 1757.* www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ12_9.htm [capturado em 22/02/2017].

VIANNA, G.S.; MOURA, D.B. ; SANTOS, A.P. L.; PINA, A.M. C. *Bilinguismo intercultural na educação de surdos: rediscutindo estratégias e materiais didáticos voltados para o ensino de Português como segunda língua (L2).* Rio de Janeiro, RJ: XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2014.